

Jesus, Rei e Testemunha da verdade

Pesquisa exegetica-teológica de Jo 18,33-38a

Summary

In the present article, which is to be continued in the next issue of this magazine, the author makes an exegetical-theological examination of Jo 18,33-38a under the aspect: Christ, King and Witness of the truth.

In this first part he begins to analyze from the particular characteristics of the Passion according to John. If we compare the Passion in John to the Passion of the Synoptics, we notice an interesting difference: While the Synoptics tell us that Jesus announced three times His suffering and death, John tells us that Jesus announced three times His exaltation. In John 12,32-33 the evangelist himself gives us the key to understand well the reason for this: The death of Christ is His exaltation. Throughout the entire process before Pilate John shows again and again that Christ is king, and He is king exactly in His suffering. This is the characteristic of the presentation of the Passion in John: he brings to light not so much the aspects of Christ's humiliation and suffering, but more the fact that Christ, being humiliated begins His kingdom.

* * *

I. Introdução

Já a Igreja grega chamou João, por causa dos seus pensamentos profundos, 'o Teólogo', entre os evangelistas.¹ Todos os exegetas contemporâneos concordam que cada um dos quatro evangelistas elaborou a sua própria teologia. João distingue-se, porém, dos sinóticos, pelo particular alcance teológico do seu evangelho.² Assim diz A. Feuillet: "O quarto evangelho é, em primeiro lugar, uma obra teológica".³

¹ Cf. P.J. COOLS, *Die Biblische Welt*, II, 288.

² Cf. I. DE LA POTTERIE, *La Passione de Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 7.

³ A. FEUILLET, *Das vierte Evangelium* in: A. ROBERT – A. FEUILLET, *Einleitung in die Heilige Schrift*, II, 605.

Antes de entrarmos mais detalhadamente no nosso tema, queremos brevemente contemplar a teologia do evangelho inteiro de São João; depois, aprofundaremos dois aspectos da teologia joanina da paixão. Isto ajudará para termos uma visão mais global e profunda do nosso tema.

II. Aspectos fundamentais da teologia joanina

A. Feuillet explica a diferença entre os evangelhos sinóticos e o evangelho de São João da seguinte maneira: “Os sinóticos querem mostrar que Jesus estabeleceu o reino de Deus. No quarto evangelho encontramos o acento quase exclusivamente na pessoa de Jesus, que revela ao mundo o mistério de Deus”.⁴ Por isso, o mistério da encarnação tem no quarto evangelho uma posição central. Jesus Se torna homem, para revelar-nos Deus e para conduzir-nos a Deus. É, como Ele mesmo disse de Si mesmo: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim” (Jo 14,6).

Ignace de la Potterie explica-nos a relação entre encarnação e revelação no evangelho de São João com as seguintes palavras:

Nel vangelo di Giovanni è al centro il mistero dell’incarnazione. ... Questo principio dell’incarnazione, già indicato nel prologo del vangelo di Giovanni, non è soltanto importante in quanto principio della sua cristologia, ma é anche un principio di ermeneutica per l’interpretazione di tutto il vangelo. In altri termini, non solo al momento dell’incarnazione, ma in tutto il corso del vangelo bisogna distinguere nella vita di Gesù il suo aspetto humano e il mistero di “colui che viene da presso il Padre”, mistero che traspare nell’uomo Gesù. A questo punto si può già capire che il principio dell’incarnazione – centrale in Giovanni – implica l’idea di rivelazione che, verosimilmente, costituisce il tema principale di tutto il quarto vangelo.⁵

Isto concorda exatamente com o Prólogo de São João:

E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. ... Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem O revelou. (Jo 1,14.18)

⁴ A. FEUILLET, *Die Menschwerdung als Erlösungsgeschehen* in: A. ROBERT – A. FEUILLET, *Einleitung in die Heilige Schrift*, II, 793.

⁵ I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 7-8.

Assim, podemos agora contemplar a história da Paixão. Os acontecimentos exteriores devem conduzir-nos para o mistério interior, para que possamos ver, no homem Jesus, o Filho de Deus. Deste modo, vamos ver no Filho, o Pai; como Jesus mesmo ensinou: “Quem Me vê a Mim, vê o Pai”. Desta maneira, os acontecimentos exteriores da Sua vida se tornam sinal desta realidade mais alta.⁶

III. Dois aspectos da teologia joanina da Paixão

A teologia do evangelho de São João encontra a sua expressão também na estrutura exterior do evangelho. Acerca da estrutura podemos encontrar muitas opiniões diferentes. Seguiremos a seguinte divisão:⁷

1. O Prólogo (1,1-18).
2. Primeira parte: O livro dos sinais: a auto-revelação de Jesus diante do mundo (1,19-12,50).
 - Primeira parte da revelação de Jesus (1,19-2,12).
 - Segunda parte da revelação de Jesus (2,13-4,54).
 - Jesus no auge da Sua ação (5,1-10,39).
 - Preparação da Paixão (10,40-12,50).
3. Segunda parte: O livro da glória: O auge da revelação de Cristo na Sua Paixão e glorificação (13-21).
 - Os sermões de despedida (13-17).
 - A Paixão (18-19).
 - A Ressurreição (20-21).

Portanto, a Paixão encontra-se na segunda parte do evangelho, entre os sermões de despedida e os relatos da Ressurreição. Nesta parte, a auto-revelação de Jesus encontra o seu auge. Na primeira parte podemos encontrar uma descida: Jesus Se torna homem e Se revela ao mundo. Porém,

⁶ Cf. *ibid.*, 8.

⁷ Cf. R.E. BROWN, *An Introduction to the New Testament*, 334-335; A. FEUILLET, *Das vierte Evangelium* in: A. ROBERT – A. FEUILLET, *Einleitung in die Heilige Schrift*, II, 563-577; A. WIKENHAUSER – J. SCHMID, *Einleitung in das Neue Testament*, 303-305.

“o Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio d’Ele, mas o mundo não O conheceu. Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam” (Jo 1,10-11).

Na segunda parte, no livro da glória, podemos constatar uma subida: Jesus volta para o Pai depois de ter revelado ao mundo a Sua glória. Portanto, a Paixão é parte desta subida, parte da Sua volta para o Pai e da Sua glorificação. Isto encontra a sua clara expressão no relato da Paixão. Por um lado, o relato da Paixão, em João, de 18,1-19,42, é a parte que se assemelha mais aos sinóticos.⁸ Assim escreve também A. Feuillet: “A Paixão segundo João concorda essencialmente com os relatos sinóticos”.⁹ Por outro lado as diferenças são bastante significativas e iluminam a visão joanina da Paixão. Em comparação com os sinóticos, São João não quer acentuar tanto a dor ou o sofrimento; antes, ele quer mostrar o triunfo e a exaltação de Cristo. V. Pasquetto acentua na sua explicação do evangelho de São João: “É típico para João excluir da narração tudo aquilo que poderia, de qualquer maneira, lesar a dignidade de Jesus”.¹⁰ João não fala da agonia de Jesus (cf. Mc 14,33-39 par), não fala do beijo do traidor (cf. Mc 14,44-45 par), da fuga dos apóstolos (cf. Mc 14,50-52), do escárnio a Jesus como profeta (cf. Mc 14,65 par), do processo diante de Caifás (cf. Mc 14,53-64 par) – exceto de um pequeno aviso em 18,24 –, do episódio de Simão de Cirene (cf. Mc 15,21 par), do escárnio a Jesus na cruz (cf. Mc 15,29-32 par), das trevas (cf. Mc 15,33 par), como também não fala do grito de Jesus: “Meu Deus, Meu Deus, por que Me abandonaste?” (cf. Mc 15,34 par).

No relato de São João aparece muito mais a grandeza e majestade de Jesus. Ele conta-nos elementos, dos quais os sinóticos não falam nada. Apesar de ser preso, Jesus tem mais poder do que os seus inimigos (cf. Jo 18,4-9). Os soldados romanos caem por terra diante dele, quando Ele responde: “Sou Eu”. João quase não fala nada do interrogatório diante do sinédrio, enquanto relata largamente o processo romano. Doze vezes São João fala durante o relato da Paixão, de Cristo, o Rei, e da Sua realza. Podemos também encontrar um rico conteúdo teológico da cena do sorteio das Suas vestes, Nossa Senhora ao pé da cruz e a abertura do

⁸ Cf. V. PASQUETTO, *Da Gesù al Padre*, 327.

⁹ A. FEUILLET, *Das vierte Evangelium* in: A. ROBERT – A. FEUILLET, *Einleitung in die Heilige Schrift*, II, 575.

¹⁰ V. PASQUETTO, *Da Gesù al Padre*, 328.

lado de Jesus, do qual saíram sangue e água. Contemplando todos estes fatos, compreendemos, que a Paixão é revelação do mistério de Sua pessoa¹¹ e podemos afirmar com I. de la Potterie:

Tutti questi dettagli presentano l'evento sotto una luce molto diversa, a tal punto, che si può dire, in breve, che nel suo racconto Giovanni tralascia tutto ciò che è umiliante, doloroso e tragico; in compenso, egli pone l'accento su quello che, nella passione, lascia già trasparire la luce di Pasqua e tende verso la risurrezione.¹²

Com la Potterie, distinguimos na apresentação da Paixão, em João, quatro temas:¹³

- a hora de Jesus;
- a exaltação do Filho do Homem na cruz;
- a antecipação dos acontecimentos escatológicos;
- a realeza de Jesus.

Dentro do âmbito do nosso trabalho, vamos limitar-nos e tratar somente dois destes quatro temas: a exaltação do Filho do Homem na cruz e a realeza de Jesus.

1. A exaltação do Filho do Homem

Três vezes fala Jesus no evangelho de São João da Sua futura exaltação. A primeira vez em 3,14-15: “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna”.

A segunda vez em 8,28: “Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU e que nada faço por Mim mesmo; mas falo como o Pai Me ensinou”.

Mais importante é a terceira vez, em 12,32; porque, no v. 33, o evangelista mesmo nos explica como devemos entender a exaltação do Filho do Homem: “E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer”.

¹¹ Cf. I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 10-11.

¹² *Ibid.*, 12.

¹³ Cf. *ibid.*, 12.

Sabemos, portanto, que São João refere a exaltação de Jesus diretamente à Sua morte na cruz.

Neste ponto, é interessante uma comparação com os sinóticos. Neles encontramos três anúncios da Paixão, que exprimem essencialmente o seguinte:

Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles O condenarão à morte. E O entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá. (Mt 20,18-19)

No evangelho de São João, Jesus não anuncia a Sua paixão; mas, sim, Ele fala três vezes da Sua futura exaltação.¹⁴ Este fato confirma as nossas considerações anteriores, que os sinóticos vêem a Paixão numa maneira diferente da de João. Enquanto aqueles acentuam mais o aspecto do sofrimento, da morte e da ressurreição, João salienta mais o aspecto da grandeza e majestade da Pessoa de Jesus. Os sinóticos vêem a paixão como uma humilhação; João, ao invés, como uma exaltação.

Para compreendermos o que São João quer exprimir com esta exaltação, devemos examinar o significado da palavra grega ὑψόω. Por que escolheu, precisamente, esta palavra?¹⁵ Provavelmente, devemos, primeiramente, pensar no quarto canto do servo de Javé (Is 52,13) na sua versão grega: ἰδοὺ σπνήσει ὁ παῖς μου καὶ ὑψωθήσεται καὶ δοξασθήσεται σφόδρα. O versículo 53,12 deixa compreender a exaltação do Servo de Javé depois da Sua paixão como exercício do seu poder real: διὰ τοῦτο αὐτὸς κληρονομήσει καὶ τῶν ἰσχυρῶν μεριεῖ σκῦλα.. Também em outros lugares do Antigo Testamento se usa ὑψόω, para indicar o poder real (cf. 1Mac 8,13; 11,16; Dan 4,19[22]; 11,36).

¹⁴ Esta comparação entre o evangelho de São João e os evangelhos sinóticos é justificada, porque, em ambos, encontramos, nestes trechos, o título “Filho do Homem” como também o verbo “deve”. Cf. também I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 15: “Questi annunci della passione mancano in Giovanni, ma vi si trovano tre testi che possono essere paragonati a essi e di cui ciascuno parla dell’inalzamento del Figlio dell’uomo”. Também ID., *Studi di Cristologia giovannea*, 117: “Per ben tre volte, nel corso del quarto vangelo (3,14; 8,28; 12,32.34), Gesù annuncia la sua esaltazione futura. Questi temi formano in Giovanni l’equivalente delle tre predizioni della passione nei sinottici (Mt 16,21; 17,22-23; 20,18-19 e par)”.

¹⁵ Cf. também I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 117-121.

Da mesma maneira no Novo Testamento ὑψόω é usado sob o aspecto da entronização. Em At 2,32-35, Pedro explica à multidão que Jesus foi instituído, pela Sua exaltação à direita de Deus, como Senhor, e agora exerce o Seu domínio pela efusão do Espírito Santo:

A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à Minha direita, até que Eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.

Pedro cita o Salmo 110,1, que foi usado para a entronização.

Em At 5,31 Pedro explica: “Deus, porém, com a Sua destra, O exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados”. A exaltação como rei aparece aqui sob o aspecto da comunicação da salvação.

Em Fil 2,9 a exaltação exprime o domínio universal de Jesus: “Pelo que também Deus O exaltou sobremaneira e Lhe deu o nome que está acima de todo nome”.

Vemos então, que não podemos restringir o significado de ὑψόω à ascensão ou ao aspecto material da crucificação.¹⁶ Devemos, antes, considerar o significado completo, que inclui também o fato de que Jesus foi instituído como Rei e Senhor do reino celeste, exercendo o Seu domínio, distribuindo os dons da redenção. Isto se realiza pela Sua morte na cruz. É isto o que São João quer exprimir; e exatamente por isso ele escolheu o verbo ὑψόω, porque este verbo contém todos estes aspectos. G. Bertram confirma estas considerações: “Se se fala no Novo Testamento de ressuscitar, ressurgir, assumir, ascender, arrebatat (...), entronizar (...), reinar, todos estes significados podem ser abrangidos com a palavra exaltação”.¹⁷

¹⁶ Veja p.ex. A. WIKENHAUSER, *Das Evangelium nach Johannes*, 89: “Der Begriff ‘Erhöhung’ wird von Johannes doppelsinnig gebraucht. Zunächst bedeutet er wie Apg 2,33; 5,31 die Erhöhung zur Rechten Gottes; so deutet ihn die Volksmenge 12,34 auf die Aufnahme des Menschensohnes in den Himmel. Hier versteht ihn aber der Evangelist, wie der Vergleich mit der Aufrichtung der ehernen Schlange beweist (Num 21,4-9), von der Erhöhung Jesu am Kreuz; ebenso 12,33 (‘Das sagte er um anzudeuten, welchen Todes er sterben sollte’). Der Begriff kann die beiden Bedeutungen haben, weil die Erhöhung Jesu zur himmlischen Herrlichkeit über die Erhöhung am Kreuze geht, wie 8,28 zu verstehen gibt”.

¹⁷ G. BERTRAM, ὑψόω, *ThWNT VIII*, 609: “Ob im Neuen Testament von Auferwek-

Schnackenburg exprime o mesmo sentido com as seguintes palavras:

João quer superar o σκάνδαλον da cruz, sem tirar ao homem a decisão da fé. Ele está convencido da necessidade da morte de Jesus na cruz (δεῖ 3,14; 12,34) segundo a vontade do Pai (cf. 10,17s; 14,31); mas, além disso, ele quer manifestar o sentido interior desta morte, porque somente assim a missão salvífica de Jesus pode trazer fruto (12,24) e Ele poderá “atrair tudo a Si” (12,32). Mais ainda: A crucifixão de Jesus significa para Ele, como mostra 12,23 comparado com 12,32s, a “glorificação”.¹⁸

Vemos, portanto, que a exaltação está intimamente unida com a realeza e nos conduz precisamente a este tema. Aprofundemos, ainda um pouco, este aspecto.

2. A realeza de Jesus

As considerações sobre o tema da exaltação nos levam ao tema da realeza de Jesus. Os seguintes pensamentos são, portanto, somente um pequeno desdobramento daquilo que já temos visto acima.¹⁹

Segundo a tradição primitiva (cf. At e as cartas de São Paulo), Jesus adquiriu a Sua realeza sobre o povo pela ascensão aos céus. Pedro diz: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus O fez Senhor e Cristo” (At 2,36). Ele confirma o seu argumento pela citação do Salmo 110,1.²⁰ Na ascensão, Jesus toma posse de Sua realeza.

Segundo São João, Jesus toma posse da Sua realeza não somente no momento da ascensão, mas, sim, já no momento da Sua crucificação. Certamente, não é por acaso que nos capítulos 18 e 19 se fala doze vezes de Cristo Rei e da Sua realeza. Já na entrada em Jerusalém, o povo aclama Jesus: “Hosana! Bendito O que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!” (Jo 12,13). O tema da realeza é central no nosso trecho com a

kung, Auferstehung, Aufnahme, Aufstieg, Entrückung (...), Inthronisierung (...), Königsherrschaft (...) die Rede ist, alle diese Aussagen können mit dem einen Wort Erhöhung umfaßt werden”.

¹⁸ R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, II, 498. Veja também o excurso inteiro, 498-512.

¹⁹ Cf. I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 24-25.

²⁰ Veja em cima, p. 11.

pergunta decisiva de Pilatos: “Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz” (Jo 18,37). Da mesma maneira, a coroação de espinhos aparece no evangelho de São João, não tanto sob o aspecto da humilhação e do sofrimento, como nos sinóticos, mas mais como a coroação de Rei (cf. Jo 19,2-4). Além disso é muito importante a cena do “Ecce homo” (Jo 19,5)²¹ como também a condenação de Jesus:

Ouvindo Pilatos estas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, em hebraico Gábata. E era a parasceve pascal, cerca da hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso rei. Eles, porém, clamavam: Fora! Fora! Crucifica-O! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César! Então, Pilatos O entregou para ser crucificado. (Jo 19,13-16)

Por fim, temos ainda a objeção dos sumo-sacerdotes por causa do título no cimo da cruz: “Jesus Nazareno, o rei dos judeus” (Jo 19,19).²² Em todos estes trechos se trata da realeza de Jesus.

Podemos então, resumindo, concluir que, para João, a morte de Jesus na cruz significa a Sua entronização. Na cruz Ele começa e exerce o Seu reinado; não somente no céu, depois da Sua ascensão. Como rei, Ele quer atrair todos a Si para salvar a todos. Deste modo, Jesus Se torna rei de todos aqueles que n’Ele acreditam.

IV. A estrutura da Paixão segundo João (Jo 18,1-19,42)

Antes de tratar do nosso texto, devemos ainda ver a estrutura do relato da Paixão, em sua totalidade. A visão do todo nos ajudará a compreender melhor a parte que queremos considerar. Aprofundemos, por isso, a estrutura concêntrica da história da Paixão e vejamos as sete cenas, nas quais Jesus aparece diante de Pilatos.

²¹ La Potterie vê aqui uma relação com a realeza do filho do homem em Dan 7,13-27; veja: Id., *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 25.

²² Cf. Jo 19,19-22.

²³ Cf. I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 31.

1. A estrutura concêntrica da Paixão

Ignace de la Potterie explica muito bem,²³ que um texto não é somente uma aglomeração de palavras, mas sim um “organismo vivo”. Por isso, ao interpretar um texto, devemos ver sempre todo o seu conjunto, porque todas as partes contribuem para a sua vida. “Un frammento qualunque di un testo può essere interpretato in modo corretto soltanto se è situato nel tutto di cui è una parte e in cui svolge una funzione.”²⁴

Muito importante é neste contexto, que um texto é algo vivo, não uma coisa morta. “Ciò significa che, tanto nel tipo di struttura concêntrica quanto nell’altro, c’è sempre un progresso. Non è mai una ripetizione letterale di un primo elemento: da A a A’ si osserva sempre una progressione.”²⁵

Isto encontramos também no relato da Paixão em São João. Com Ignace de la Potterie,²⁶ decidimo-nos pela estrutura concêntrica dos capítulos 18 e 19 de São João. Podemos constatar que o relato inteiro se realiza em cinco lugares diferentes. Começa num jardim e continua no palácio de Anás. No centro encontramos o pretório de Pilatos. Segue a crucifixão no Gólgota e a sepultura de novo num jardim.

Encontramos, então, a estrutura seguinte da Paixão:

- A Introdução: Prisão de Jesus no jardim: 18,1-11.
- B Interrogatório diante de Anás: 18,12-27.
- C Interrogatório e condenação por Pilatos: 18,28-19,16.
- B’ Crucifixão de Jesus no Gólgota: 19,16-37.
- A’ Epílogo: Sepultura de Jesus num jardim: 19,38-42.

Um exame mais atento mostra que as duas cenas no jardim – tanto a prisão de Jesus como a Sua sepultura – não fazem parte do próprio relato da Paixão, mas são como uma introdução e um epílogo. A prisão mostramos a luta dos filhos da luz contra os filhos das trevas – um tema típico em São João. O que acontece na cruz, se realiza, aqui, simbolicamente. Jesus é vencedor ao ser vencido. O Seu triunfo sobre os Seus inimigos manifesta-se nesta cena. É como uma confirmação da Sua palavra: “Estas coisas

²⁴ Ibid., 31.

²⁵ Ibid., 34.

²⁶ Cf. I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 34-35.

vos tenho dito para que tenhais paz em Mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; Eu venci o mundo” (Jo 16,33). Por isso, seguimos a opinião de I. de la Potterie, que diz:

In conclusione, bisogna sottolineare ... che la scena dell’orto non è che un’introduzione alla passione propriamente detta, la quale comincia soltanto all’arresto di Gesù. È un’introduzione destinata a inquadrare teologicamente tutto l’evento che sta per svolgersi ...²⁷

Tampouco a sepultura faz parte do próprio relato da Paixão, mas, sim, é uma espécie de epílogo. Já se pode quase vislumbrar a manhã da Páscoa. São João salienta expressamente a preparação da festa da Páscoa:

No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e, neste, um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido ainda posto. Ali, pois, por causa da preparação dos judeus e por estar perto o túmulo, depositaram o corpo de Jesus. (Jo 19,41-42)

Além disso, João sublinha a quantidade extraordinária dos aromas, com que envolveram o corpo de Jesus: “E também Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus à noite, foi, levando cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés” (Jo 19,39). Tanto nem era necessário. I. de la Potterie comenta este fato da seguinte maneira:

Quest’ ultimo punto deve in particolar modo suscitare l’impressione di esequie regali, un clima di splendore. Che Gesù sia sepolto con sfarzo regale non è un’illusione di grandezza, ma un segno della sua vittoria: Giovanni prolunga fino al momento della sepultura il tema della regalità di Cristo che domina tutto il racconto della passione. Il racconto termina non solo con l’indicazione del luogo del seppellimento, ma con l’evocazione del giorno della preparazione della festa, quella in cui avverrà la risurrezione.²⁸

Desta forma, a prisão e a sepultura – A e A’ na nossa estrutura – constituem uma certa inclusão do próprio relato da Paixão.

A relação entre B e B’ apresenta o tema da revelação. Em B, Jesus revela-Se diante de Anás e dos judeus. I. de la Potterie confirma isto, dizendo: “Jesus leva a Sua revelação ao povo ebraico e a todo o mundo, mas os homens lhe deram uma resposta negativa”.²⁹ Em B’, Jesus revela-Se di-

²⁷ Ibid., 51.

²⁸ I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 159-160.

²⁹ Ibid., 65.

ante de judeus e pagãos, não tanto por palavras, mas antes por fatos e por acontecimentos: a via sacra e a crucifixação (19,16-18), o título no cimo da cruz (19,19-22), o sorteio das vestes e a túnica sem costura (19,23-24), a maternidade espiritual de Maria (19,25-27), a sede e a morte de Jesus (19,28-30), sangue e água do lado dele (19,31-37). Através desta apresentação a cruz não é considerada tanto como sacrifício de Jesus, mas, antes, como uma revelação, sim, como o auge da revelação de Cristo.³⁰

O centro da Paixão é o interrogatório diante de Pilatos. Isto confirma as nossas considerações sobre o caráter especial da Paixão em João como também o seu significado teológico, elaborando deste modo, precisamente, o tema da realeza de Jesus.

O nosso trecho pertence, portanto, à parte central da Paixão. Vejamos ainda a estrutura particular de 18,28-19,16 antes de tratar a estrutura do nosso texto.

2. Jesus diante de Pilatos: as 7 cenas

R. Schnackenburg chama este trecho “o coração”³¹ da Paixão segundo São João. Jesus revela-Se como rei. Ele é condenado à morte, mas o processo manifesta Jesus como inocente. Por três vezes Pilatos constata a inocência de Jesus. Parece que Jesus é vencido; mas, apesar da Sua derrota, Jesus manifesta-Se como rei.

A maioria dos autores dividem Jo 18,28-19,16 em sete cenas.³² O motivo decisivo para esta divisão é a mudança das cenas como também o

³⁰ Cf. *ibid.*, 66.

³¹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 274.

³² Cf. R. FABRIS, *Giovanni*, 907, notas 7 e 8. Ele enumera os autores que dividem a Paixão em 7 ou 6 cenas. Preferem a divisão em 7 cenas os autores: F. Hahn, A. Dauer, R.T. Fortna, R.E. Brown, M.E. Boismard-A. Lamouille, I. de la Potterie, G. Segalla, M. Laconi, F. Ellis, R. Schnackenburg, J. Blank, R. Baum-Bodenbender. Já os seguintes autores preferem uma divisão em 6 cenas, distinguindo claramente 2 grupos (18,28-19,7 e 19,8-16a): B.F. Westcott, R. Bultmann, H. Schlier, J. Schneider, J.N. Sanders. Fabris notou também que na divisão em 7 cenas temos pequenas diferenças entre a 5ª. e 6ª. cena; cena 5: Jo 19,4-7 (J. Blank, A. Janssens de Varebeke); Joh 19,4-8 (R.E.Brown, R.T. Fortna, R. Schnackenburg, R. Baum-Bodenbender); cena 6: Jo 19,8-11 (A. Janssens de Varebeke); Jo 19,8-12 (F. Hahn; R. Schnackenburg); Joh 19, 8-12a (R. E. Brown); 19,9-12a (R. Baum-Bodenbender). Seguimos I. de la Potterie, R. Schnackenburg e J. Blank.

movimento dentro e fora do pretório. Jesus está dentro, enquanto os judeus esperam fora do pretório; Pilatos entra e sai continuamente. Tudo isto não é por acaso, mas tem o seu significado para o evangelista.³³

Blank observa a este respeito que, através desta divisão em sete partes, as cenas do escárnio e da apresentação de Jesus são mais distintas. “Está certo que as duas cenas são muito unidas. Mas no evangelho elas são separadas através da mudança de lugar; assim se compreende melhor o seu significado próprio”.³⁴

Dividimos, portanto, Jo 18,28-19,16 em sete cenas:

- A (fora): Pilatos e os Judeus
(18,28-32).
- B (dentro): Jesus e Pilatos
(18,33-38a).
- C (fora): Pilatos e os Judeus
(18,38b-40).
- D (dentro): flagelação, coroação de espinhos, escárnio a
Jesus (19,1-3).
- C' (fora): Pilatos e os Judeus
(19,4-7).
- B' (dentro): Jesus e Pilatos
(19,8-12).
- A' (fora): Pilatos e os Judeus
(19,13-16).

Digno de menção nos parecem os esquemas de R.E. Brown³⁵ e R. Baum-Bodenbender.³⁶ Ambos manifestam particularmente a humilhação como também a exaltação de Jesus.

³³ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 275: “Je nachdem, ob eine Szene innerhalb oder außerhalb des Prätoriums spielt, ergibt sich ein bestimmter Schauplatz, der für den Evangelisten nicht nur eine äußere Regieanweisung, sondern ein symbolischer, innerlich bedeutsamer ‘Ort’ ist, einschließlich des ständigen Hin- und Hergehens des Römers zwischen diesen beiden Räumen.”

³⁴ J. BLANK, *Die Verhandlung vor Pilatus*, 61: “Es ist richtig, daß beide Szenen eng zusammengehören. Aber einmal sind sie im Evangelium auch durch einen Ortswechsel voneinander abgehoben, sodann wird dadurch die Bedeutung, die sie je für sich haben, deutlicher erkennbar.”

³⁵ Cf. R.E. BROWN, *Giovanni, Commento al Vangelo spirituale*, capp. 13-21, 1060.

³⁶ Cf. R. BAUM-BODENBENDER, *Hoheit und Niedrigkeit*, 96.

R. Baum-Bodenbender mostra precisamente os contrastes entre as cenas, confrontando a falta de fé dos judeus com a revelação de Jesus. A falta de fé dos judeus aumenta cada vez mais até à condenação de Jesus; a revelação de Jesus concentra-se na humilhação de Jesus na flagelação e coroação de espinhos, mas tem como molde duas cenas (18,33-38a e 19,9-12a), nas quais aparece claramente a majestade de Jesus.

R.E. Brown explica muito bem, com uma apresentação gráfica, que no centro de 18,28-19,8 está a humilhação de Jesus na Sua flagelação e coroação de espinhos.³⁷

Isto manifesta de novo a visão joanina da Paixão. A humilhação de Jesus culmina na declaração solene: Χαῖρε ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων. João não usa aqui o vocativo, como Mateus e Marcos, mas, sim, o nominativo: “Salve, Rei dos Judeus”. Isto é idêntico com o título no cimo da cruz (19,19).³⁸ Trata-se aqui, portanto, de uma solene declaração da realeza de Jesus, como comenta I. de la Potterie: “... o trecho central da narração sobre a paixão - o processo diante de Pilatos - tem ele mesmo um centro: a coroação de espinhos com as palavras: ‘Salve, ó Rei dos judeus!’ (19,1-3). É isto portanto o centro do centro da narração”.³⁹

Mais ainda notamos: que João omite a indicação do lugar exato da coroação de espinhos. Em 18,40 não diz que Pilatos entrou novamente no pretório. Porém, de 19,4 devemos concluir, que 19,1-3 se realizou dentro do pretório, porque Pilatos “saiu novamente”. Para João, a coroação de espinhos, apesar de ter sido escondida dentro do pretório, tem um caráter público e universal.⁴⁰

Depois destas considerações gerais, podemos, finalmente, dedicar-nos ao nosso texto.

³⁷ Podemos pensar também no hino cristológico de Fil 2,6-11, no qual também se fala da humilhação e exaltação de Jesus. Também este hino pode ser subdividido em 7 passos.

³⁸ Cf. I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 87-88.

³⁹ *Ibid.*, 70-71.

⁴⁰ *Cf. ibid.*, 71-72.

V. O primeiro interrogatório de Jesus (Jo 18,33-38a)

Passo por passo nós nos temos aproximado do nosso texto. Depois de ter refletido sobre a teologia e a estrutura exterior do evangelho de São João, tratamos mais de perto o relato da Paixão. Vimos dois aspectos que caracterizam o relato joanino da Paixão, como também a estrutura concêntrica da Paixão. Por fim, tratamos as sete cenas do processo de Jesus diante de Pilatos. Assim, chegamos ao nosso texto. Queremos, agora, dar uma breve sobrevisão sobre o primeiro interrogatório de Jesus (Jo 18,33-38a) e, depois, examinar a estrutura deste trecho. Deste modo, estamos bem preparados para poder começar, na segunda parte, a exegese.

1. Visão geral do primeiro interrogatório de Jesus diante de Pilatos

Este interrogatório de Jesus por Pilatos é o primeiro encontro de Jesus com o representante oficial do estado romano. O interrogatório do sumo-sacerdote e dos judeus está terminado, Jesus já não fala aos judeus.⁴¹ Acontece uma coisa semelhante em Jo 12,36: “Jesus disse estas coisas e, retirando-Se, ocultou-Se deles”. Apesar de todo o Seu esforço em dar testemunho da verdade, Jesus não conseguiu vencer a inimizade de Anás: “Se falei mal, dá testemunho do mal; mas, se falei bem, por que Me feres?” (Jo 18,23). A partir de então Jesus não fala mais com os judeus. Por isso, estas palavras de Jesus diante de Pilatos são como uma última revelação, um último testemunho da verdade (cf. Jo 18,37) diante dos pagãos. Jesus revela-Se como rei; mas o Seu reino não é deste mundo (cf. Jo 17,14.16; 18,36), por isso, ninguém O compreende.

O interrogatório começa com a pergunta: “És tu o rei dos judeus?” (Jo 18,33). Pilatos pergunta diretamente, evidentemente influenciado pela acusação dos judeus, como pensa R. Schnackenburg.⁴² Os judeus falam normalmente do “rei de Israel”, como vemos em Jo 12,13: “Hosana! Bendito O que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!”. Para os judeus, este é o título do Messias.

⁴¹ Cf. R. SCHNACKENBURG, *Das Johannesevangelium*, III, 274.

⁴² *Ibid.*, 283: “Der Ausdruck ‘König der Juden’ ist allerdings vom Standpunkt eines Nichtjuden formuliert. In den synoptischen Evangelien taucht er nur im Munde von Nichtjuden auf”.

Jesus não responde diretamente à pergunta de Pilatos, mas faz outra pergunta: “Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a Meu respeito?” (Jo 18,34). Com esta pergunta Ele quer levar a um esclarecimento, o que Pilatos pensa, chamando-O “rei dos judeus”. Este título pode ter vários sentidos diferentes: um sentido puramente político – um sentido religioso e político-nacionalista, como pensaram os judeus (cf. Jo 6,15) – ou um sentido puramente religioso, como Jesus compreende a Sua realeza.

Pilatos quer dar toda a responsabilidade aos judeus e aos sumo-sacerdotes: “Porventura, sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?” (Jo 18,35). Mas ele quer também saber, exatamente, o que Jesus fez. Assim, Jesus tem uma possibilidade de defender-Se e explicar a Sua situação.

Assim segue a explicação de Jesus acerca da Sua realeza, primeiro em forma negativa - “O Meu reino não é deste mundo” -, depois em forma positiva - “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” -, interrompido pela pergunta de Pilatos, insistindo: “Logo, tu és rei?”. A resposta de Jesus *σὺ λέγεις ὅτι βασιλεὺς εἰμι* revela a verdade toda sobre a realeza de Jesus. I. de la Potterie explica o sentido desta resposta: “É sim e não ao mesmo tempo: ‘Em verdade, Eu sou rei, mas não certamente como tu entendes, Pilatos.’ Jesus aceita o título, mas o interpreta de um modo diferente”.⁴³

Com a sua pergunta: “Que é a verdade?” mostra Pilatos, que não compreendeu nada. Assim se cumpre a palavra do prólogo de São João: “A verdadeira Luz, que ilumina a todo homem, veio ao mundo. O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio d’Ele, mas o mundo não O conheceu. Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam” (Jo 1,9-11).

2. A estrutura concêntrica de Jo 18,33-38a

Queremos, então, estruturar o nosso texto. O estudo da estrutura ajudará a compreendermos melhor o conteúdo e sentido do texto.

Onde é que começa e termina exatamente o nosso trecho e como se correspondem as frases nele? Este trabalho é a última preparação para a exegese.

⁴³ I. DE LA POTTERIE, *La Passione di Gesù secondo il vangelo di Giovanni*, 79.

⁴⁴ Cf. E.H. PASTEN, *He aquí vuestro Rey*, 130.

Podemos bem delimitar o texto, tanto no começo como no fim.⁴⁴ Em 18,32 termina claramente a cena anterior: “para que se cumprisse a palavra de Jesus, significando o modo por que havia de morrer”. Além disso mostra εἰσῆλθεν οὖν uma mudança na cena e o começo de uma nova parte. O mesmo vale para 18,38. Depois de sua pergunta: “Que é a verdade?”, Pilatos sai para os judeus. Com esta mudança de lugar, começa também uma nova situação.

Temos então claramente os limites do texto: 18,33-38a.

Quais são então as correspondências interiores, que formam a harmonia deste trecho?

Nos versículos 33 e 38 encontramos cada vez uma pergunta de Pilatos. A primeira se refere à realeza de Jesus (“És tu o rei dos judeus?”), a segunda se refere à verdade (“Que é a verdade?”). Como vamos ver, estes são os dois temas centrais do trecho. Assim podemos dizer, que os dois temas formam a moldura deste mesmo texto (A e A’).

No v. 35, Pilatos quer distanciar-se dos judeus: “Porventura, sou judeu?”. No v. 37 Jesus declara, no entanto, que ele (Pilatos) junto com os judeus faz parte daqueles que não escutam a Sua palavra e por isso não são da verdade (B e B’).

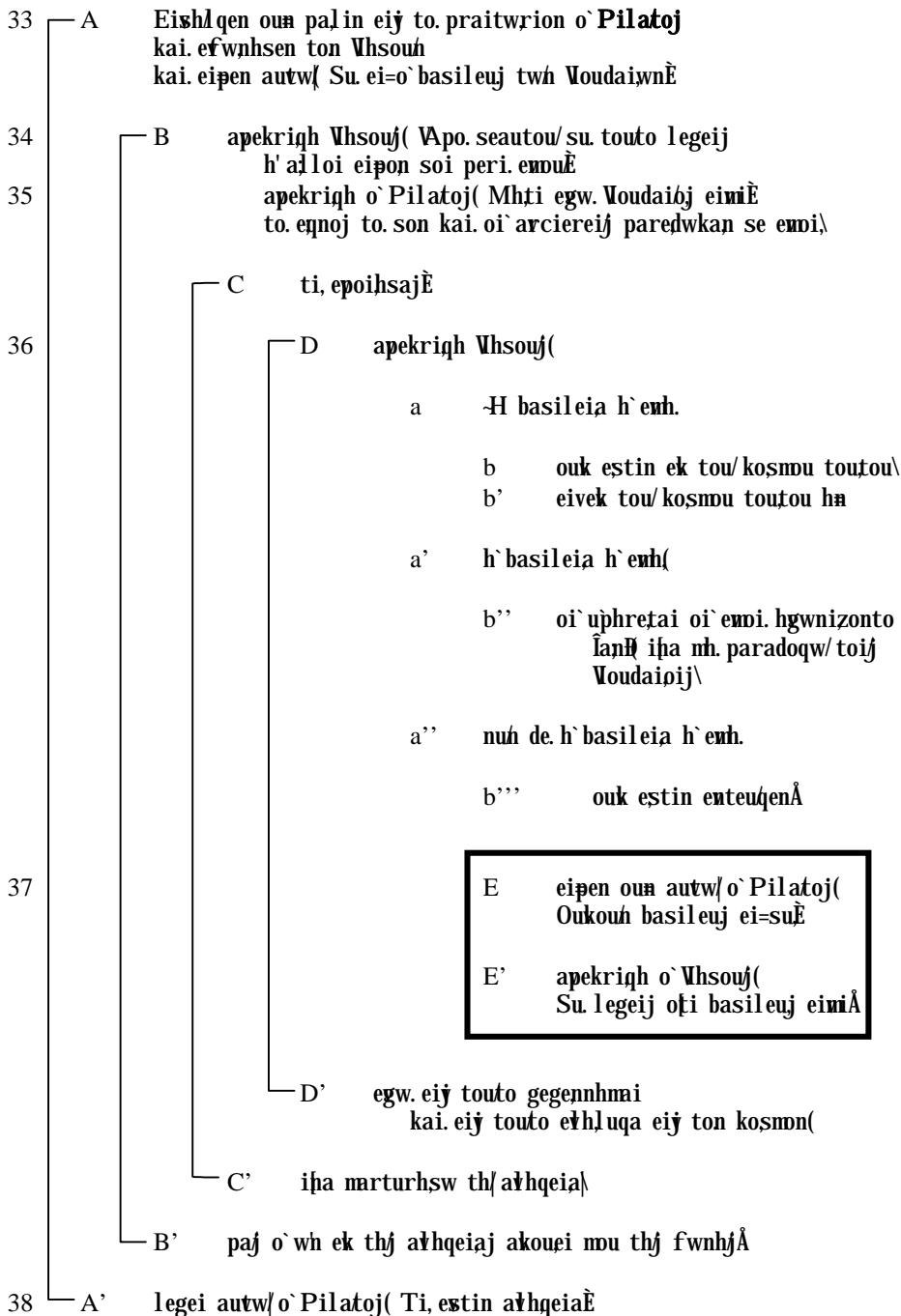
À pergunta de Pilatos: “Que fizeste?”, corresponde a resposta de Jesus: “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade”. Esta é a única acusação contra Jesus, é isto, o que Ele fez (C e C’).

No v. 36 (D) Jesus apresenta a Sua realeza em maneira negativa: o Seu reino não é deste mundo. Em seguida, Ele mostra o contraste entre o Seu reino e o mundo. Por três vezes Ele repete ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ (a, a’, a’’) e constata que o Seu reino é contrário ao mundo, porque não é deste mundo (b e b’). A prova é que Jesus não tinha ministros que lutassem para Ele e Seu reino (b’). Assim, Ele pode concluir, uma terceira vez, que o Seu reino não é daqui (b’’’).

No v. 37 (D’) temos a explicação positiva de Jesus: apesar de o Seu reino não ser deste mundo, Ele veio para o mundo.

No centro temos a pergunta de Pilatos no v. 37: “Logo, tu és rei?”. Jesus responde com a Sua confissão solene: Tu dizes que Eu sou rei (E e E’).

Graficamente podemos apresentar esta estrutura segundo o esquema na página seguinte:



Concluimos a apresentação da estrutura com E.H. Pasten:

El diálogo de Jesús con Pilato es para Juan esencialmente un momento importante de la revelación: allí Jesús manifiesta su identidad, su origen y su obra. En efecto, este interrogatorio da pie a discursos revelativos de Jesús, marcados por un estilo solemne y contemplativo en torno a la realidad, especie de “Leitmotiv” (motivo conductor) que es el núcleo de esta escena y que recorre todo el proceso pasando por la coronación, proclamación, título de la cruz y sepultura real. Jesús hace oír su voz al interior del Pretorio no en defensa propia, sino para revelar el misterio de su persona y la naturaleza de su Reino. Y lo hace con la majestad de un soberano, dirigiendo el curso de los acontecimientos y el curso de su automanifestación como Rey y Revelador de Dios en el mundo. En estos dos discursos revelativos (18, 36-37; 19,11), Jesús descubre además el sentido profundo de lo que sucede a nivel fáctico.⁴⁵

⁴⁵ E.H. PASTEN, *He aquí vuestro Rey*, 131-132.